

TOMCHISKY, Julia. “Prefácio”. In: GADOTTI, Moacir. *A Carta da Terra na educação*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

Prefácio

O paradigma da sustentabilidade implica na construção de novos valores, conhecimentos e aprendizagens. No esforço de comunicar, sensibilizar, mobilizar e formar a comunidade de vida do planeta, o papel da educação ambiental (EA) tem se acentuado desde a década de oitenta. Em âmbito internacional, a Unesco tem a incumbência de dar seguimento ao capítulo 36 da Agenda 21, que trata da EA em todos os níveis da formação de educadores e da informação ao público. No Brasil, esta recomendação é aplicada mediante um acordo de cooperação com o Órgão Gestor da Educação Ambiental, responsável pela instituição da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e pela execução do Programa Nacional de Educação Ambiental (Pronea).

Nesse contexto, a Carta da Terra emerge uma declaração de princípios éticos e valores fundamentais para a construção de uma sociedade global mais justa, sustentável e pacífica. Ela inspira todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada; ela nos desafia a examinar nossos valores e princípios éticos. Outro documento referencial é o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. De caráter não oficial, ele reconhece a educação como um movimento dinâmico em constante construção e a sustentabilidade como um processo de aprendizagem permanente baseado no respeito a todas as formas de vida.

Hoje, no Brasil, as diferentes correntes epistemológicas associadas à EA colocam a necessidade de ressignificar as identidades e os fundamentos de cada posicionamento. Educação para a sustentabilidade? Educação para o desenvolvimento sustentável? Optar por uma ou outra nomenclatura para designar os fazeres ético-político-pedagógicos não garante avanços concretos para a solução dos problemas ambientais. Isso ocorre quando esses nomes são pronunciados numa vivência prática, contextualizada no cotidiano do educador, do educando e da comunidade.

A construção de uma nova forma de existência no planeta implica aprendizado sobre nossa escola, nosso bairro, nossa casa, nossa cidade e sobre como podemos transformá-los num lugar de vida comunitária em que a corresponsabilidade pela criação da “vida que se vive” é construída solidária e democraticamente. Um lugar que vai se configurando a partir da participação de pessoas, grupos humanos e unidades sociais, entrelaçando a sociedade civil (todas e todos nós, pessoas da vida de todos os dias), o poder público (pessoas e instituições escolhidas por nós e que nos representem) e o mundo empresarial (as pequenas, médias e grandes corporações de realização de

trabalhos produtivos).

O desafio é reencantar as crianças, adolescentes, jovens, adultos para que percebam seu pertencimento ao planeta. Não se aprende a amar a Terra apenas lendo livros ou ouvindo palavras que destacam sua beleza e importância; a experiência própria é fundamental. É preciso um profundo trabalho pedagógico a partir da vida cotidiana, da subjetividade, da “leitura do mundo” de cada contexto, nas suas diferentes dimensões (política, cultural, econômica, social, ambiental), da relação entre o mais próximo e o mais distante, entre as temáticas que são comuns e gerais ao planeta.

Deste modo, os diferentes segmentos escolares (familiares, alunos, professores, funcionários de apoio, diretores, orientadores pedagógicos, representantes da comunidade etc.) precisam ressignificar suas experiências, refletir sobre suas práticas, resgatar, reafirmar, atualizar e vivenciar novos valores na relação com outras pessoas e com o planeta. Este movimento de ação-reflexão-ação pode e deve ser ampliado nas diferentes áreas de conhecimento. É necessário superar práticas que burocratizam ou fragmentam a formação para a consciência socioambiental. Não se pode educar para uma cultura da sustentabilidade reservando dias, horários e disciplinas específicas para este fim, ou por meio de pacotes pedagógicos prontos.

A responsabilidade de educar para a sustentabilidade é de todos. Ela não se estabelece de forma impessoal e descontextualizada, mas tem a ver com a escola que se vive, com a escola concreta de todos os dias, com seus problemas e suas virtudes, com o contexto em que está inserida. Ela tem a ver com o projeto de escola e com o projeto de vida das pessoas. O desafio é justamente construir uma gestão e um currículo que potencializem e ampliem iniciativas de sustentabilidade já existentes ou sonhadas, dentro e fora dos espaços educativos formais.

Este livro busca juntamente refletir como cada ambiente educacional pode incorporar o debate socioambiental no seu cotidiano, tendo a Carta da Terra como um recurso de ensino e aprendizagem. A partir da leitura dos capítulos, as seguintes reflexões são suscitadas:

- Como o ecossistema escolar se relaciona com o lugar em que está inserido e o planeta?
- Como desenvolver programas educacionais fundamentados nos valores e princípios da Carta da Terra com crianças, adolescentes, jovens e adultos?
- O que é ética e como os valores da Carta da Terra contribuem para desenvolver a compreensão e promover uma vida sustentável?
- Quais temáticas da Carta da Terra podem ser abordadas em sala de aula?
- Quais objetivos educacionais os(as) educadores(as) podem considerar ao utilizarem a Carta da Terra?
- Quais diretrizes podem ser utilizadas para desenvolver materiais e programas educacionais fundamentados na Carta da Terra?
- Como a dimensão ambiental se articula com as questões sociais, políticas, econômicas,

culturais e espirituais?

- Como a gestão escolar, o currículo e as áreas do conhecimento podem promover a cultura da paz e da sustentabilidade?

Nas próximas páginas os(as) educadores(as) serão convidados(as) a reorientar sua práxis pedagógica e entrar em contato com uma diversidade de ECOs de aprendizagem. Ao promover os valores e princípios da Carta da Terra, verão ressoar entre os(as) educandos(as) diversas capacidades transdisciplinares: sentir, intuir, vibrar, imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e interconectar-se, auto-organizar-se; informar-se, comunicar-se, expressar-se; localizar, buscar causas e prever consequências, criticar, avaliar, sistematizar, tomar decisões, corresponsabilizar-se, ver, nascer, tomar vida, crescer os sonhos, os projetos; celebrar a criatividade e a capacidade humana de reinventar. Nessa perspectiva, será desenvolvida a capacidade de participação dos(as) educandos(as) na gestão sustentável dos ambientes que vivem.

Julia Tomchisky

Secretária Socioambiental do Instituto Paulo Freire